

# A EXPRESSÃO DO MEDO NA POÉTICA CASIMIRIANA

**SANTOS**, Hérica Aragão

[aragaohERICA@yahoo.com.br](mailto:aragaohERICA@yahoo.com.br)

**SANTANA**, Gleise de Jesus

[gleise@yahoo.com.br](mailto:gleise@yahoo.com.br)

**OLIVEIRA**, Athalyne Krys Batista

[athalynekrys@yahoo.com.br](mailto:athalynekrys@yahoo.com.br)

**BERGER**, Maria Amália Façanha (Orientadora)

Graduada em Letras Português/Inglês, Mestre em Educação pela UFS, prof<sup>a</sup>. do curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT

[amaliafberger@yahoo.com.br](mailto:amaliafberger@yahoo.com.br)

## RESUMO

As reflexões desse artigo são fruto de pesquisa bibliográfica e consistem na análise poética da obra do poeta Casimiro de Abreu, evidenciando o seu obsessivo medo. É importante ressaltar que se trata de um jovem reprimido por uma sociedade conservadora, fato que contribuiu para a proliferação de seus conflitos entre o mundo interno e o mundo externo. Suas poesias refletem sentimentos de fuga da realidade, saudade, angústia, indecisão, ansiedade e, principalmente, o obsessivo medo, fato este que leva a consecutivos distúrbios de fobias evidenciados nas suas produções poéticas. Casimiro de Abreu não é apenas um autor romântico, mas sim um jovem que utiliza sua poesia para denunciar fatores internos do ser humano. Sendo assim, suas produções ultrapassam o plano literário e direcionam-se ao processo interior do homem que ressalta, em particular, “o medo”.

**Palavras-chave:** Casimiro, medo, poesia.

## **A Expressão do Medo na Poética Casimiriana**

O presente artigo, “A Expressão do Medo na Poética Casimiriana”, apresenta uma análise acerca de uma das temáticas que abrangem a obra do ultra-romântico José Marques Casimiro de Abreu, expressa no próprio título - o Medo.

Este estudo é fruto de uma pesquisa bibliográfica realizada no Instituto Histórico de Sergipe e nas salas laboratoriais de informática e acervos das determinadas instituições: Universidade Tiradentes - UNIT, Universidade Federal de Sergipe - UFS e Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; ou seja, é resultado de uma análise acompanhada de uma investigação de dados históricos, literários e científicos que colaboraram de forma construtiva para sua realização.

O principal objetivo do artigo é despertar nos leitores um contemplar que se confronta com o olhar de alguns apreciadores da literatura, os quais consideram a poesia de Casimiro de Abreu uma acumulação desordenada de expressões fáceis, sendo consideradas apenas como desabafos de um adolescente.

Sendo assim, as autoras do artigo têm como especial interesse, que a poética casimiriana seja reconhecida com mais profundidade, como um documento no qual se podem desvendar os problemas sociais e psicológicos do homem em conflito consigo e com o mundo externo.

No decorrer do artigo, a poesia casimiriana dá-se a conhecer como algo que representa o ser humano de forma transparente, mostrando seus variados sentimentos: amor, saudade, tristeza, angústia, indecisão, ansiedade e em particular seu obsessivo medo; isto é, como uma representação poética que enaltece o campo da psicologia e denuncia um anseio persuasivo de acordo com o que se acredita ou supervaloriza como verdade.

As produções literárias do legítimo ultra-romântico, José Marques Casimiro de Abreu, ultrapassam o plano literário e direcionam-se ao processo interior do homem; sendo assim, fica

patente sua importância, no que diz respeito às emoções vivenciadas no século atual.

Seus poemas deixam transparecer um eu lírico fragilizado e elegíaco, logo, são repletos de expressões temerosas, marcadas pela evasão no tempo e no espaço, que em seu sentido são: subterfúgio, sutilezas para fugir as dificuldades, pretextos, termos os quais se associam ao medo:

Ser Casimiro é ser suave e elegíaco, dá a impressão de incomparada sinceridade, e, principalmente, nada supor no coração humano além de meia dúzia de sentimentos, comuns mas profundamente vividos. Por isso mesmo foi o predileto dos cestos de costura, levando a um fervoroso público feminino toda a gama permitida de variações em torno do enleio amoroso, negaceando os arrojados sensuais por meio de imagens elegantes (CÂNDIDO, 1997, p.173).

A partir das fugas evidenciadas na poética casimiriana, surgem vários questionamentos correlacionados ao seu estilo literário, como: Por que o poeta insistia em utilizar expressões que denunciavam temor? Casimiro era um poeta tão inocente como é visto pela maioria dos críticos? Qual o motivo de produzir poesias repletas de saudades? Sua poesia é o reflexo do seu eu biográfico ou eu lírico?

Tais questionamentos foram levados em consideração e o presente artigo foi pensado da seguinte maneira: uma breve exposição da sua biografia, do contexto histórico no qual ele estava inserido e uma parte dedicada à um trabalho de análise de alguns de seus poemas.

## **Casimiro - o homem**

Casimiro José Marques de Abreu, poeta cujos temas fazem alusão à multiplicidade de sentimentos humanos, era filho do comerciante português e dono de terras no Rio de Janeiro, Joaquim Marques de Abreu e da brasileira Luíza Joaquina Marques de Abreu Travanca.

Ele, como tantos outros, foi vitimado pela vida boêmia e pela tuberculose, doença comum no século XIX. Conseqüentemente, teve uma trajetória muito curta de existência, pois morreu no clímax de sua juventude com apenas vinte e um anos de idade, na Barra de São João, na então

província do Rio de Janeiro, mesmo lugar onde nasceu.

Sua subsistência estudantil perpassa dos seis anos de idade, quando recebe as primeiras noções de escrita e aritmética em Cabo Frio. Posteriormente, é matriculado no instituto Freese, de Nova Friburgo, para estudar humanidades, curso que não chega a concluir por intervenção do pai que o obrigou a se dedicar ao comércio, fato este que não o agradou e o deixou penalizado, pois as Letras eram o seu maior sonho.

Somente quando segue para Lisboa, em 1853, a mando do pai por interesses comerciais, é que vê o seu talento literário florescer. Sua estadia em Portugal se dá até 1857, e durante este período, dedica-se assiduamente à literatura: exerce a vocação de dramaturgo e poeta, escreve suas canções do exílio e satisfatoriamente vê sua peça teatral “Camões e Jaú” obter certo êxito. Quando retorna ao Brasil, tem o seu livro de poesias “As Primaveras” (1859) publicado, com o apoio financeiro do seu próprio pai.

O período de vivência do eloquente poeta de sensibilidade aguçada transcorreu de 1839 a 1860, ou seja, em uma época em que estavam ocorrendo densas transformações sócio-culturais, pois nesse momento surgiam novos ideais impostos pelo iluminismo, que era negado pelos românticos, com a finalidade de preservar o “puritanismo” ainda persistente. Tal situação levou o homem do século XIX a fortes desequilíbrios psicológicos, conduzindo-o a um processo de extrema negação.

Em decorrência do que foi inicialmente exposto neste artigo, suas autoras sentem-se no direito de justificar a escolha do tema “A Expressão do Medo na Poética Casimiriana”, pois este surgiu após muitos outros que o antecederam, sendo que todos sempre estavam correlacionados a investigação das faculdades sensíveis de sua arte de produzir versos singelos, simplórios e amplamente ricos em expressões que são inseparáveis ao homem enquanto ser emocional.

Inicialmente, o tema do artigo seria uma “Análise Psicológica da Poética de Casimiro de Abreu”, mas por considerar um tema extenso, houve o interesse em delimitá-lo, e com muitos aspectos para serem analisados, correndo o risco de não alcançar o propósito almejado, este foi

substituído por um pertinente ao mesmo, pois no que diz respeito ao psicológico, a um vasto universo de análise, desde que os fenômenos psíquicos são inúmeros.

A paixão mútua entre a psicologia e a literatura sempre foi objeto de curiosidade e grande satisfação; conseqüentemente, ler Casimiro de Abreu é transpor-se aos dois universos, psicológico e literário.

É também se deslumbrar com poemas isentos de ousadia e grandes arrojões, mas enriquecido de emoções; é perceber e percorrer o labirinto das incógnitas dos sentimentos humanos; é se despir de todas as máscaras para se mostrar simples e translúcido, pois seus poemas são tão claros e repletos de musicalidade que chegam a despertar certa leveza nos leitores que se desarmam de prepotências para poder lê-los.

Portanto, entendemos serem as obras deste autor de grande importância para os que se dedicam aos estudos de Letras, sendo pertinente, principalmente, enquanto estudo ligado ao campo da literatura.

### **Entendendo Casimiro**

As poesias de Casimiro de Abreu, semelhantemente às produções literárias dos demais escritores românticos, são reflexos da decepção, do desejo de fuga, rebeldia, da tristeza intrínseca, da sensação de derrota que circundava a época que precede o romantismo. Com base nisso, o crítico Afrânio Coutinho faz referência a uma citação de Hotzeld com relação a sua posição perante o movimento romântico.

O romantismo aparece com amplo movimento internacional. Unificado pela prevalência de caracteres estilísticos comuns aos escritores do período. É, portanto, com estilo artístico - individual e de época. É um período estilístico, consoante a nova conceituação e terminologia, e a perspectiva sintética, que tendem a vigorar doravante na historiografia literária. É, ademais, um conjunto de atitudes em face da vida e o método literário. (COUTINHO, 1969, P. 139).

A referência de Afrânio Coutinho, relacionada ao olhar do comparatista e historiador

estilístico “Stylistician quo historian”, Hotzfeld é extremamente considerável, pois seus postulados teóricos da periodização estilística romântica são satisfatoriamente esclarecedores.

O romantismo, escola literária da primeira metade do século XIX, em oposição aos costumes neoclássicos setencionistas, que buscavam suas origens no século XVIII, período revolucionário de grandes transformações econômicas, sociais e políticas, foi inicialmente otimista, humanitário, afetuoso; entretanto, mergulhado por facções melancólicas.

Já no que diz respeito aos conflitos políticos, o sentimento apresentou-se ousado, revolucionário, violento e com um tom de revolta, de clamor por liberdade e por espontaneidade de sentimentos, encontrados na segunda geração ou geração do Mal do Século, na qual Casimiro de Abreu, "poeta do medo", destaca-se.

A partir do que foi ressaltado, percebe-se que a temática do medo, insistentemente utilizada por Casimiro, juntamente com o saudosismo, é nada menos que uma característica estilística dos ultra-românticos.

O medo, objeto de estudo do presente artigo, dentre as criações poéticas casimirianas, apresenta-se com maior evidência em “Amor e Medo”, poesia que foi produzida dois anos antes do poeta falecer. Nela, o autor ressalta com ousadia a repressão da sexualidade da sua época:

Quando te fujo eu me desvio cauto

Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,

Contigo dizes, suspirando amores:

“– Meu Deus! Que gelo, que frieza aquela!”

Como te enganas! Meu amor é chamas

Que se alimenta no foras segredo,

E se te fujo é que te adoro louco...

És bela – eu moço; tens amor – eu medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,  
Da luz da sombra, do silêncio ou vozes,  
Das folhas secas, do chorar das fontes,  
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,  
A luz da aurora me intumesce os seios,  
E ao vento fresco do cair das tardes  
Eu me estremeço de cruéis receios.

É que esse vento na várzea - ao longe,  
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,  
Soprando um dia tornaria incêndio  
A chama viva do teu riso ateia!

## II

(...)

Ai! Se eu te visse, Madalena pura,  
Sobre o veludo reclinado a meio,  
Olhos cerrados na volúpia doce,  
Os braços frouxos — palpitante os seios!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,

Na face as rosas virginais do pejo,

Tremula a fala a protestar baixinho...

Vermelha boca, soluçando um beijo!...

(...)

Oh! não me chames coração de gelo!

Bem vês: trai-me no fatal segredo.

Se te fujo é que te adoro e muito,

És bela – eu moço; tens amor, eu – medo!...

(Amor e Medo, 1858)

É notória na poesia em destaque a presença de um eu lírico em transição entre a infantilidade e a maturidade. Este, pelo fato de ter uma concepção de pureza atribuída ao amor, entra em conflito com o aspecto carnal do desejo, que o leva a várias fugas, mostrando-se indeciso e, conseqüentemente, sem uma formação definitiva de personalidade. Isso pode ser observado quando ele diz: “E se te fujo é que te adoro louco...”.

Há em Amor e Medo notadamente um ardor de volúpia ao mesmo tempo contida, ou seja, temerosas e exuberantes, que lhe realçam sobre modo a beleza e formosuras de sensação e de expressão que não teria o direito de desdenhar os mais reputados sequazes de Baudelaire. É forte sua tradução das tentações amorosas da carne como o diriam estes poetas, e, mais, de todo nova na nossa poesia senão também na língua portuguesa (VERÍSSIMO, 1998, p.174).

Inicialmente, a multiplicidade de fugas é evidenciada nesta poesia por manifestar-se através do receio que o eu lírico tem de magoar a sua amada que “és bela e moça”, ou seja, é jovem e, sendo assim, repleta de vivacidade, de amor, de inquietude, mas, sobretudo, de inocência.



Posteriormente, o eu lírico foge dele mesmo, ressaltando que seu amor é puro, mas também é voluptuoso, ou seja, “O amor é chama”. É algo que o aflige e o faz manter-se reprimido e em oculto, “Que se alimenta no voraz segredo”, o que denuncia seu obsessivo medo, este que o deixa louco e ainda mais temeroso e o leva a apelar fervorosamente ao transcendente, através do vocativo "Meu Deus!".

É importante ressaltar que a produção poética é repleta dessa utilização, vocativos, provando assim o estado emocional que se encontra perante a poesia, isto é, o desespero e a tonicidade da evocação de um ser supremo denunciam uma fragilidade que tem a capacidade de gerar conflitos mentais, merecendo destaque, o temor.

Esse sentimento pode ser evidenciado principalmente na terceira estrofe, na qual o eu lírico chega ao clímax, revelando o medo de tudo, ou seja, dele mesmo, da amada, do silêncio, das criações divinas e até mesmo, "das horas longas a correr velozes".

O eu lírico apresenta-se tão temeroso que revela seu medo da escuridão, da noite que lhe causa dor, ou seja, reações físicas resultantes do seu excessivo temor, “O véu da noite me atormenta em dores”. Assim, percebe-se a aversão de Casimiro em utilizar poemas noturnos, pois os seus são essencialmente diurnos.

As poesias de Casimiro estão longe a surda paixão carnal de Junqueira Freire, os desejos macerados do insone Álvares de Azevedo. Certamente muito mais feliz na vida dos instintos, pôde sublimar em lânguida ternura a sensualidade robusta, embora bem disfarçada quase sempre, dos seus poemas essencialmente diurnos, nos quais não sentimos atenção das vigílias (CÂNDIDO, 1997, p.174).

Sendo assim, fica perceptível que essa poesia remete ao medo, mas de forma tenra, sendo revelado como um sentimento pertinente a um jovem que segue os conceitos de sua sociedade e que, conseqüentemente, reprimiu-se, a fim de não ter atitudes que para ele eram sórdidas e capazes de melindrar sua amada, a "Madalena pura", ou seja, a jovem de sensualidade inconsciente.

Outras poesias, nas quais Casimiro de Abreu nos remete à questão da sexualidade reprimida, são “Noivado” e “Segredos”. Elas, semelhantemente a "Amor e Medo", retratam a beleza da juventude e o temor dos desejos que são atribuídos a ela.

Filha do céu - oh flor das esperanças,  
Eu sinto um mundo no bater do peito!  
Quando a lua brilhar num céu sem nuvens  
Desfolha rosas no virgíneo leito.  
Nas horas do silêncio inda és mais bela!  
Banhada do luar, num vago anseio,  
Os negros olhos de volúpia mortos,  
Por sob a gaze te estremece o seio!

(...)

Qual eco fraco de amorosa queixa  
Perpassa a brisa na magnólia verde,  
E o som magoado do tremer das folhas  
Longe - bem longe – devagar se perde.

(...)

Tu dormirás ao som dos meus cantares,  
Oh! filha do sertão! Sobre o meu peito.  
O moço triste, o sonhador mancebo.  
Desfolha rosas no teu casto leito.

(Noivado, 1858)

Na poesia “Segredos” o medo, é revelado pelo fato do eu lírico utilizar a expressão “Eu tenho uns amores quem é que os não tinha”. Aqui o eu lírico nega seus verdadeiros sentimentos

atribuindo-os ao coletivo, ou seja, o medo de se assumir sentimentalmente perante a sociedade; ora exatamente apresentado através das sensações nervosas do eu lírico, “Trememos de medo... a boca emudece!”, “Mas sentem-se os pulos do meu coração!”.

O sentimento de medo também é perceptível pelo uso contínuo, em todas as estrofes, do verso “Não quero, não posso, não devo contar”. Aqui é apresentada a temática do medo subtendida às expressões de negação, ou seja, aos negaceios que demonstra temor. Segundo Antônio Cândido 1997, os negaceios utilizados por Casimiro são uma forma de mascarar a excitação dos sentidos, bastante viva para despertar e envolver a imaginação.

Eu tenho uns amores – quem é que os não tinha

Nos tempos antigos? – Amar não faz mal;

As almas que sentem paixão a minha

Que digam, que falem em regra geral.

- A flor dos meus sonhos é moça e bonita

Qual flor entr’aberta do dia ao raiar,

Mas onde ela mora, que casa ela habita,

Não quero, não posso, não devo contar!

(...)

Trememos de medo... a boca emudece

Mas sentem-se os pulos do meu coração!

Seu seio nevados de amor se intumesce...

E os lábios se tocam no ardor da paixão!

- Depois... mas já vejo que vós, meu senhores,

Com fina malícia quereis me enganar

Aqui faço ponto; - segredos de amores

Não quero, não posso, não devo contar!

(Segredos, 1857)

É comum dizer que a adolescência é uma fase repleta de conflitos os quais geram a negação do verdadeiro eu, o medo e o desejo. Tais conflitos, com o passar do tempo, são os principais fatores para a formação de um adulto. Mas essa teoria foge da realidade de Casimiro, conforme podemos ressaltar na seguinte afirmação:

Ainda que tivesse o dobro da idade ao falecer, seus poemas continuariam exibindo a crise de personalidade que percorre, habitualmente, a adolescência: poesia adolescente não porque desaparecera aos vinte e um anos, mas porque tem como eixo as indecisões que assinalam o trânsito para a idade adulta (MOISÉS, 1985, p.43).

O poeta Casimiro de Abreu faz de suas poesias uma espécie de relato do homem enquanto ser sentimental, o qual age com naturalidade ao mundo interior. Segundo Antônio Cândido (1997 144): “o poeta, na literatura romântica, é dos que mais objetivamente a reproduzem, pois, sobretudo é o poeta que maior cria o mundo externo pela imaginação com sistemas de imagens correlatas à visão interior”.

Sendo assim, ele se destaca dos demais, não apenas por ser um poeta extremamente sensível e harmonioso, mas também pelo poder de descrever fielmente em sua poesia, o interior do homem, ou seja, os seus sentimentos mais profundos, fato que foge da literatura e passa a ser estudado pela psicologia.

É comum encontrar em suas poesias o escapismo, característica do homem romântico, o eu lírico que entra em êxtase, fazendo um processo de regressão, isto é, ele se afasta do seu plano real que é viver num plano imaginário, recurso esse usado para suavizar a dor do momento.

"Meus Oito Anos", assim como mostra o título, é uma poesia que se refere à infância. Nesta, ele faz referência ao passado de forma saudosista e com um tom de inconformismo com a vida presente:

Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias  
Do despontar da existência!  
Respira a alma inocência  
Como perfumes a flor;  
O mar – lago sereno,  
O céu – um manto azulado,  
O mundo – um sonho dourado,  
A vida um hino d'amor!

(...)

Oh! dias da minha infância!  
Oh! meu céu de primavera!  
Que doce a vida não era  
Nessa risonha manhã!

Em vez de mágoas de agora,

Eu tinha nessas delícias

De minha mãe as carícias

E beijos da minha irmã!

(...)

Naqueles tempos ditosos

Ia colher as pitangas,

Trepava a tirar as mangas,

Brincava á beira do mar;

Rezava ás ave-marias,

Achava o céu sempre lindo,

Adormecia sorrindo

E despertava a cantar!

( Meus Oito Anos, 1857)

De acordo com Sergius Gonzaga (2004), a mitificação do passado, ou seja, o retorno ao mundo infantil, é uma forma de evasão que se associa à inconformidade do artista romântico com o mundo cruel que o leva a uma série de procedimentos de fuga.

Já que a sociedade não quer escutá-lo ou não sabe compreendê-lo, já que ele está perdido em uma realidade incômoda e brutal, já que sua sensibilidade não possui força para mudar o destino, resta-lhe apenas a tentativa de escapar e ele busca escapar para um tempo perdido no passado.

Nas Criações Poéticas Casimirianas, em alguns momentos, a temática do medo apresenta-se subtendida, mas é facilmente identificada pela insistência do autor em utilizar a conjunção condicional “se”, sempre associada aos temas morte, amor, saudade, solidão e dor, remetendo-os à

insegurança, à dúvida, e ao receio do ter ou não ter. Essas questões são facilmente percebidas na poesia “Canção de Exílio”:

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,

Meu Deus! Não seja já;

Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,

Cantar o sabiá!

(...)

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro

Respirando este ar;

Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo

Os gozos do meu lar!

(...)

Quero morrer cercado de perfumes

Dum clima tropical,

E sentir, expirando, as harmonias

Do meu berço natal!

(...)

As cachoeiras chorarão sentidas

Porque cedo morri,

e eu sonho no sepulcro os meus amores

Na terra onde nasci!

Se eu morrer na flor dos anos,

Meu Deus! Não seja já;

Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,

Cantar o sabiá!

Semelhantemente a “Amor e Medo”, nesta poesia também é perceptível a presença do vocativo, “Meu Deus!” Logo, fica evidenciado, mais uma vez, a presença de um eu lírico inseguro, desesperado e com medo que clama por Deus continuamente, pois anseia apreciar as criações do transcendente antes de sua morte.

Portanto, falar em Casimiro de Abreu, enquanto ser frágil e, sobretudo, com sensibilidade incrível, requer levantar análises muito minuciosas de suas criações poéticas, evidenciando o medo, este que não só fez parte da vida dos românticos, mas também que faz parte do íntimo de qualquer ser humano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Evidenciou-se no decorrer do artigo, que as poesias do eloqüente José Marques Casimiro de Abreu, podem ser tomada com registros históricos, as quais possibilitam os leitores de olhar crítico e sensibilidade aguçada adentrar nas questões sociais e psicológicas do homem em conflito consigo e com o mundo externo.

Assim, a temática do medo, objeto deste estudo, pertinente ao homem enquanto ser social e psicológico destacou-se no transcorrer das análises poéticas, enaltecendo o emocional e denunciando um anseio persuasivo relacionado ao que se acredita ou supervaloriza como verdade.

O poeta da segunda geração romântica ultrapassou o plano literário e direcionou-se ao processo interior do homem, de forma tão verossímil que ficou ratificado a importância de suas poesias, no que se refere às emoções vivenciadas pelo homem da atualidade.



As poesias casimirianas deixaram transparecer o eu lírico suave e ao mesmo tempo tão elegíaco do ultra-romântico Casimiro de Abreu, pois ficou perceptível, através das análises, que suas expressões são marcadas por variados sentimentos, como: amor, saudade, angústia, tristeza, indecisão e, em particular, um obsessivo medo. Por conseguinte, as fugas que ficaram evidenciadas nas poéticas casimirianas, são reflexos do lirismo intimista e melancólico dos poetas da geração ultra-romântica.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura**. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução á Literatura Basileira no Brasil: romantismo**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1969.

GONZAGA, Sergius. **Curso de Literatura Brasileira**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

LOURITO, Ilca Brunilde. **Literatura Comentada: Casimiro de Abreu**. São Paulo: Abril, 1982.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Romatismo**. São Paulo: Cultrix, 1985.

NICOLA, José. **Literatuta Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 1998.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. Edelbra - Letras e Letras.